

# **A RAZÃO POR QUE...**

**por**

**Roberto A. Laidlaw**

**Este livro foi escrito pelo proprietário  
de uma importante empresa e entregue,  
originalmente, ao seu pessoal.**

**Edições Cristãs**

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

**Título do original:**  
**The Reason Why...**

Roberto A. Laidlaw

**Tradução de:** Luiz Soares

**1ª edição brasileira:** 1969

**2ª edição brasileira:** junho de 1980

**3ª edição brasileira:** novembro de 2001

Publicado no Brasil por:

**EDIÇÕES CRISTÃS – EDITORA LTDA.**

Caixa Postal 250

19900-970 – OURINHOS – SP – BRASIL

**Endereço eletrônico:** edicoescristas@uol.com.br

**Site:** www.edicoescristas@uol.com.br

# A RAZÃO POR QUE...

Suponha o meu leitor que um jovem presenteasse a sua noiva com um anel de diamantes no valor de R\$ 30.000,00, colocando-o num estojo sem nenhum valor, dado pelo joalheiro.

Imagine como ele se sentiria desapontado se, ao encontrá-la poucos dias depois, ela lhe dissesse: “Querido, é muito linda a caixinha que você me mandou. Prometo guardá-la com todo cuidado, bem embrulhada e em lugar bem seguro, a fim de que nenhum dano lhe suceda”.

Tal suposição é um tanto ridícula, não é verdade? Pois não é mais ridícula do que a atitude de muitos homens e mulheres que cometem a tolice de ocuparem todo seu tempo cuidando de seus corpos, que nada mais são do que meros estojos, dentro dos quais encontra-se o verdadeiro ser, a alma, que, como nos diz a Bíblia, continuará muito depois de os nossos corpos estarem desfeitos em pó.

O valor da alma é incalculável. Referindo-se a ela, assim se expressa Longfellow:

*“Não me digas em tristes rimas  
Que vida é apenas um sonho vão,  
Porque a alma que adormece está morta  
E as coisas não são o que parecem ser.*

*A vida é real, a vida é solene  
E o túmulo não é o seu fim;  
Não era à alma que Deus  
Se referia quando disse:  
‘Tu és pó e ao pó tornarás’”.*

E o poeta está com a razão. Realmente aquela sentença não foi proferida em relação à alma, pois em Marcos 8.36 o próprio Senhor pergunta: **“Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?”**

Vê-se, pois, que, segundo a avaliação de Cristo, a alma do homem é algo incomparavelmente mais valioso do que o mundo inteiro. Por esta razão eu gostaria de considerar com você alguns dos pontos básicos relacionados com a sua mais valiosa possessão: a sua alma. Entre outros, consideremos, por exemplo, os seguintes pontos:

*Existe um Deus?*

*A Bíblia é verdadeira?*

*O homem é responsável pelos seus atos?*

*Existe, de fato, o perdão divino?*

Estes são alguns dos problemas que mais confundem àqueles que meditam seriamente sobre o destino de sua alma eterna.

## **COMO É QUE EU POSSO SABER QUE HÁ UM DEUS?**

Estou intimamente convencido de que Deus existe. Bem que o meu intelecto, em tempos passados, procurou apresentar-me argumentos tentando provar que Ele no existia e eu desejei muito aceitar a idéia de que não havia Deus. Não obstante, aquela “vozinha silenciosa” sempre me falava, justamente como fala a você na quietude dos momentos mais calmos da vida, convencendo-me justamente do contrário, isto é, da realidade da existência de Deus.

Sim, eu sabia que, pelo menos para mim, havia um Deus. E, à medida que observava os outros, eu verificava quantos estavam procurando a Deus recorrendo à “religião”, com o fim de silenciar aquela mesma voz que falava dentro de mim.

Na verdade, há alguns homens que não creem na existência de Deus. Para mim, porém, a descrença apresenta maiores problemas do que a fé no fato da existência de Deus.

Afinal, para acreditar que a matéria inanimada tenha por si mesma produzido vida, que a matéria viva tenha produzido mente, que a mente tenha produzido consciência e que o caos de sorte tenha produzido este cosmos ordeiro tal como a natureza no-lo apresenta não é de fé que eu necessito, mas de mera credulidade.

## **TESTEMUNHOS CIENTÍFICOS DA EXISTÊNCIA DE DEUS**

O presidente da Sociedade Científica de Nova Iorque apresentou, certa vez, oito razões porque cria na existência de Deus.

A primeira foi: “Apanhe dez moedas iguais, numere-as de 1 a 10 e coloque-as no bolso. A seguir, retire qualquer uma; a probabilidade de que você venha a retirar a moeda número 1 é de um em dez. Recoloque-a no bolso e retire outra moeda: as probabilidades de a moeda número dois sair em seguida não serão mais de uma em dez, mas de uma em cem. A cada nova moeda retirada o risco é multiplicado por dez, de modo que a probabilidade das dez moedas saírem pela ordem é de uma em 10.000.000.00 (dez bilhões)”.

Essa prova pareceu-me tão incrível que imediatamente peguei no lápis e papel e... logo descobri que ele tinha razão. Faça você essa experiência.

É por isso que o estatístico norte-americano George Gallup diz: “Eu poderia provar a existência de Deus estatisticamente. Para isso bastaria tomar como exemplo o corpo humano: a probabilidade de todas as funções do indivíduo virem a ocorrer por acaso, é uma monstruosidade estatística”.

Certamente, nenhuma pessoa sensata desejaria basear o seu futuro eterno numa “monstruosidade estatística”. É, talvez, por essa razão que a Bíblia declara no Salmo 14.1: **“Diz o insensato no seu coração: Não há Deus”**. Vamos, porém, considerar o problema de um ponto de vista.

Estamos no cais de um porto e um grande transatlântico vem se aproximando, e eu lhe digo: “Muita gente pensa que este navio é o resultado de planos cuidadosamente traçados por alguém, mas eu sei que isso não aconteceu. Na realidade, nenhuma inteligência atuou na construção deste transatlântico. O ferro por algum processo misterioso foi-se amoldando até tomar a forma de chapas; os furos foram-se formando lentamente nas extremidades das chapas e, depois de um longo tempo, pelo mesmo processo evolutivo, as máquinas apareceram nos seus lugares. Num belo dia, uns homens, passeando pela praia, encontraram-no flutuando tranquilamente ao abrigo de uma enseada”.

Ouvindo isso, com toda certeza você diria que eu estava doido e procuraria fugir de mim, escondendo-se entre a multidão para não continuar ouvindo a minha conversa disparada. Ora, você sabe que, onde há um desenho, deve haver um desenhista e, tendo conhecido outros produtos concebidos pela mente humana, exatamente como o navio em questão, você não duvida de que ele foi planejado e construído pela inteligência e perícia humanas.

Contudo, há homens com alto grau de instrução que afirmam que o Universo inteiro veio à existência por acaso; que não houve, realmente, uma inteligência superior atuando na sua formação; dizem-nos não conhecerem outro Deus além da natureza.

Por outro lado, há também muitos homens inteligentes que crêem no fato de que Deus é transcendente, isto é, enquanto Ele Se revela através da natureza (na qual as leis e princípios são manifestações do Seu poder e sabedoria), Ele mesmo é essencialmente maior do que o Universo. Os ateus, porém, querem apresentar-nos o enigma de um desenho sem desenhista, de uma criação sem Criador, de um efeito sem causa.

Toda pessoa de bom senso reconhece uma série de causas e efeitos em a natureza, cada efeito tornando-se a causa de algum outro efeito. E

quem aceita isto como um fato forçosamente tem que admitir que, em qualquer série, tem que haver um princípio; nunca poderia haver o primeiro efeito, se não houvesse a Primeira Causa. Esta Primeira Causa, no meu entender, é a Divindade e o fato de eu não poder dizer de onde Ela veio não é razão suficiente para eu negar que Ela exista.

Os homens já descobriram muitas das leis que governam a eletricidade, mas os maiores cientistas não podem defini-la. Por que, então, cremos que ela existe? Porque vemos a manifestação de sua existência em nossos lares, em nossas indústrias e em nossas ruas. Assim, também, embora não sabendo de onde Deus veio, devo crer que Ele existe porque vejo as manifestações dEle em toda parte ao redor de mim.

Disse o Dr. Arthur Compton, Prêmio Nobel em Física: “Para mim, a fé principia quando se chega à compreensão de que uma inteligência superior trouxe o Universo à existência e criou o homem. Não me é difícil possuir tal fé, pois ninguém pode contestar que, onde há um plano, há inteligência. Um Universo ordeiro e desenvolvendo atesta a veracidade da mais sublime declaração jamais proferida: **‘No princípio... Deus’**”.

Outro grande cientista, o Dr. Wernher von Braun, declara na publicação norte-americana “Missiles and Rockets” (Projéteis e Foguetes), no número de julho de 1957: “Fala-se, com muita frequência, que iluminação científica e crença religiosa são coisas incompatíveis. Acho uma das maiores tragédias de nossos tempos que um erro tão estúpido quanto perigoso seja tão amplamente aceito”.

O falecido Professor Edwin Conklin, um notável biólogo, declarou com muita propriedade: “A probabilidade de a vida ter-se originado por acaso é comparável à probabilidade de um dicionário ter-se formado como resultado de uma explosão numa tipografia”.

Deus existe, quer os homens se disponham a crer nEle, quer não. A verdadeira razão porque muitos não creem em Deus não é tanto porque isto seja intelectualmente impossível, mas porque o crer em Deus compele a toda pessoa inteligente a enfrentar o fato de sua responsabilidade perante esse Deus, coisa que muitos não estão dispostos a fazer.

Aqueles que se refugiam no ateísmo ou no agnosticismo, fazem-no em sua maioria porque isso lhes parece um “escape” conveniente da realidade dura, isto é, o fato de ser o homem responsável perante o seu Criador. Geralmente não é tanto: “eu não posso crer”, mas “*eu não quero crer*”.

# A REVELAÇÃO DE DEUS

Conheço apenas dois meios pelos quais a Pessoa e o propósito de Deus podem ser conhecidos. Primeiro, há o **PROCESSO DA RAZÃO**. Assim como um bom detetive pode dizer-lhe muita coisa sobre minhas habilidades, hábitos e caráter, simplesmente por examinar alguma coisa que eu tenha feito, ou em que tenha tocado, também muito se pode saber a respeito de Deus através de um cuidadoso exame do Universo, que é obra de Suas mãos.

Mas o detetive que examina apenas aquilo que eu faço, nunca pode dizer que realmente me conhece. Ele pode dizer muita coisa a meu respeito, mas, antes que possa dizer que me conhece, deve haver o que chamaríamos um **PROCESSO DE REVELAÇÃO**: é preciso que eu me comunique com ele, conte-lhe os meus pensamentos, sentimentos e intenções.

Essa autorevelação pode ser feita através de conversação ou por qualquer outra forma. Só então é que se torna possível àquele homem conhecer-me. De igual modo, para que Deus chegue a ser conhecido, bem como os Seus pensamentos, desejos e propósitos, Ele tem que tomar a iniciativa e dar ao menos uma revelação parcial de Si mesmo aos homens.

Entre os muitos livros que existem neste mundo, apenas um se nos apresenta como uma revelação de Deus, falando-nos dEle e de Seus propósitos a nosso respeito. Esse livro é a Bíblia. Se a Bíblia é um livro de tanta importância é, certamente, digno de cuidadosa investigação.

Assim, pois, dispostos a não aceitar, nem rejeitar, sem antes avaliar e considerar, como nos aconselha o grande filósofo Francisco Bacon, aproximemo-nos deste livro de tão extraordinárias pretensões.

A fim de sermos justos para conosco e para com a Bíblia, devemos lê-la do princípio ao fim. Assim como um juiz não deve proferir a sua decisão quando tenha ouvido apenas a metade do caso em julgamento, também nós não temos outra coisa a fazer senão comparar os depoimentos das testemunhas e ponderar devidamente cada palavra, procurando entender plenamente o seu significado, ao invés de aceitar a significação que nos pareça ter à primeira vista.

Certamente, a importância da posição reivindicada pela Bíblia justifica o emprego do tempo necessário para o estudo dos seus 66 livros, escritos por, pelo menos, quarenta escritores. Uns, bem instruídos; outros, com escassa instrução; uns, reis; outros, camponeses; em lugares tão distantes entre si como eram Babilônia, na Ásia, e Roma, na Europa. Em vista de tal variedade de escritores, poder-se-ia esperar que a Bíblia fosse uma coletânea de declarações

contraditórias. No entanto, é extremamente admirável a unidade deste livro, pois a contribuição de cada escritor é o complemento das contribuições dos outros.

Aos poucos, certifiquei-me da verdade encontrada em 1ª Pedro 1.21: **“Homens falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo”**. Não havia outra explicação razoável. E essa convicção era confirmada à medida que eu ia lendo profecia após profecia do Velho Testamento, muitas das quais tiveram o seu cumprimento mesmo ao pé da letra centenas de anos depois.

Para citar um exemplo, o capítulo 53 de Isaías profetizou a morte de Cristo, com minuciosa exatidão, setecentos anos antes da Sua crucificação. Sim, as dificuldades que encontrei para pôr em dúvida o Livro, pareceram-me muito maiores do que aquelas que encontraria para crer nele. Eu tive que ser honesto comigo mesmo e admitir que os problemas encontravam-se todos do lado da incredulidade. Fui além e disse: *“Eu creio ser a Bíblia a Palavra do Deus vivo. Não posso explicá-la de nenhum outro modo”*.

## **MINHA RESPONSABILIDADE PERANTE DEUS**

Mas essa admissão colocou-me face a face com uma séria dificuldade, pois a Bíblia estabelece um padrão de justiça que eu não havia atingido; ela declarava-me que, tudo quanto estivesse aquém do seu padrão, era pecado.

Lembrando-se de que Deus conhece tudo a seu respeito, mesmo os seus pensamentos mais íntimos e secretos, procure medir-se pelo seguinte padrão: **“Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento”** (Mateus 22.37-38).

Depois de medir-se por tal padrão, poderia você, com justiça, dizer que viveu de conformidade com ele durante toda a sua vida, colocando Deus acima de tudo? Certamente que não, pois nenhum homem pode, honestamente, dizer que possui tal perfeição. Em todo coração sincero ecoam as palavras de Romanos 3.10 e 23: **“Não há justo, nem sequer um... pois todos pecaram e carecem da glória de Deus”**.

Certa ocasião, um jovem perguntou-me: “O senhor acha certo que Deus estabeleça um padrão de santidade tão elevado que não possamos alcançá-lo e depois nos condene por não o termos atingido?” Minha resposta foi: “Deus não tem imposto um padrão arbitrário de santidade, da mesma forma como um oficial determina arbitrariamente o padrão para medir a altura dos soldados de sua guarda pessoal; um candidato



pode ter todas as outras qualificações requeridas para preencher aquele posto, mas será considerado incapaz se for um só centímetro mais baixo. De fato, Deus não tem imposto nenhum padrão, mas ELE MESMO é o Padrão. Ele é a personificação absoluta da santidade e, para preservar o Seu próprio caráter, Ele tem que se manter absolutamente santo em todas as Suas relações com o homem, conservando aquele padrão, independentemente das responsabilidades tremendas que isto venha trazer, tanto para Ele, quanto para nós”.

Minha consciência e meu bom senso obrigaram-me a admitir que eu havia falhado em atingir o padrão de Deus, que é de santidade absoluta, e que, em consequência disso, eu era um pecador aos olhos dEle.

Uma vez convencido do pecado, veio-me à mente a condenação de Ezequiel 18.4: **“A alma que pecar, essa morrerá”**.

Foi assim que considerei o assunto: Em Londres, de acordo com as leis que regem o trânsito, todos os motoristas devem dirigir os seus veículos pelo lado esquerdo das ruas; em São Paulo, porém, o lado direito é a mão de direção. Vamos supor que eu esteja dirigindo em Londres e, levado perante o juiz por transgredir a lei conservando o meu carro na mão direita, diga-lhe: “Esta lei é ridícula; no Brasil somos permitidos a dirigir pela mão direita”. O juiz responderá: “O senhor não está sendo julgado pelas leis do Brasil e, sim, da Grã-Bretanha. Estando aqui, o senhor não devia preocupar-se com as leis dos outros países, mas com as daqui, uma vez que é por elas que o senhor é julgado”.

Assim compreendi que, de acordo com o padrão de Deus, eu estava perdido e, como aquele padrão era o único pelo qual eu seria julgado na eternidade, não havia esperança para mim. Comecei então a compreender que de nada valia minha opinião ou a de meus amigos, pois eu não havia de ser julgado pelas palavras deles, mas pela Palavra de Deus. Além do mais, em vista de sermos todos pecadores aos olhos de Deus, ser-me-ia inútil procurar o auxílio dos outros, uma vez que eles estavam sob a mesma condenação que eu.

## **QUEM É JESUS?**

*Mas esta mesma Bíblia que me falava do meu pecado, falava-me também de Jesus Cristo, o Qual alegava ser o Filho de Deus.*

A Bíblia ensina com clareza que esta pessoa, Jesus Cristo, é Deus o Filho. Ele viu que os homens estavam perdidos e que haviam vendido as suas vidas ao pecado. A vida dEle, porém, era sem pecado, imaculada. Voluntariamente Ele ofereceu aquela vida tão pura em lugar

da vida pecaminosa do homem, a fim de que nós ficássemos livres. Ele próprio nos diz em João 3.16, que **“Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho Unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”**.

Portanto, se Jesus Cristo é o Filho de Deus, podemos estar, na realidade, certos da salvação. Mas... uma dificuldade se nos depara: Seria Jesus Cristo, realmente, o Filho de Deus?

Entre as seguintes três hipóteses temos que admitir uma: (1) Ele só poderia ser o Filho de Deus, (2) ou um impostor, (3) ou um homem honesto, mas alucinado.

Quando O vemos enfrentando os homens mais inteligentes do Seu tempo que a Ele eram enviados propositadamente com o fim de O apanharem em qualquer palavra e verificamos como Ele os fazia silenciar de tal forma que não ousavam fazer-Lhe mais perguntas (Mateus 22.46) e quando consideramos, mesmo de um ponto de vista intelectual, a sabedoria de Suas afirmações, temos que rejeitar absolutamente a terceira destas hipóteses, pois vemos claramente que não poderiam partir de um alucinado.

Será, então, que a Sua sabedoria era tão grande que Ele Se aproveitava dela para enganar o povo? Já ouviu falar alguma vez de um jovem que tenha-se tornado nobre, puro e honesto como resultado de se associar a vadios e velhacos? Não! Você admite que nunca ouviu dizer que tal tenha acontecido. Eu, no entanto, conheço um jovem que recebeu a Cristo em sua vida e, como resultado disso, foi liberto dos desejos mais vis e elevado à mais nobre condição de vida possível, e não posso crer que alguém poderia ser transformado para melhor como resultado de receber em sua vida a um enganador.

Há dias ouvi um homem dizer: “Devo a Jesus Cristo o fato de poder andar pelas ruas com minha cabeça erguida, sem ter de que me envergonhar perante o mundo. Devo-Lhe ainda o fato de poder contemplar dignamente a face de uma mulher pura e apertar a mão de um homem honesto”.

Tomo por testemunha a opinião de todo o mundo civilizado de que Jesus Cristo era, na pior das hipóteses, um bom homem. Nesse caso, era honesto, e, se o era, deve ter sido o que Ele dizia ser: o Filho de Deus, que foi enviado com o propósito de entregar a Sua vida sem pecado em lugar da sua, da minha, da nossa vida pecaminosa.

Muitos dos líderes dos diversos setores de atividades têm proferido o seu testemunho a respeito de Jesus Cristo.

Mark Hatfield, governador de Oregon, declara: “Um dia percebi que havia vivido 31 anos ocupado exclusivamente comigo e decidi viver o resto de minha vida somente para Jesus Cristo. Pedi a Deus que me perdoasse pela vida egocêntrica que até ali havia levado e tomasse para

Si a minha vida. Seguir a Jesus Cristo tem sido para mim uma experiência de crescente desafio, novas descobertas e felicidade. Viver uma vida cristã dedicada traz verdadeira satisfação, pois foi por servir não a mim mesmo, mas a Jesus Cristo, que recebi a verdadeira direção e conheci o objetivo certo para a vida”.

O esportista Robert E. Richards, que foi um astro do atletismo olímpico, assim se pronunciou: “Tenho uma única razão para estar ligado aos esportes: dar testemunho à juventude do mundo todo que Jesus Cristo pode salvar do pecado e que um homem pode ser cristão e ainda sobressair em outras atividades boas e dignas. A mocidade precisa compreender que Deus dispensou um tremendo poder espiritual quando Cristo morreu na cruz do Calvário”.

Outro líder de grande projeção, o General William K. Harrison, escreveu: “É maravilhoso crer no Senhor Jesus Cristo! Sou sumamente grato porque Deus me conduziu graciosamente à fé salvadora em Cristo. A nós, os que nEle cremos, Deus concede uma experiência pessoal diária que é uma evidência convincente da realidade da nova vida em Cristo”.

Convencido de que a Bíblia é verdadeira e que Jesus Cristo é o Filho de Deus, crendo que Ele veio voluntariamente e que Deus amou-me de tal maneira que de boa vontade enviou Seu Filho para sofrer a penalidade total dos meus pecados a fim de que eu pudesse ficar livre, se eu quiser manter a minha dignidade como um ser inteligente, a única coisa que tenho a fazer é aceitar o Senhor Jesus Cristo como meu Salvador.

## **SERÁ QUE NOSSA SINCERIDADE É SUFICIENTE?**

Por enquanto, não vou pedir-lhe que aceite a Jesus como seu Salvador. Possivelmente você esteja disposto a admitir que a Bíblia é verdadeira, mas tenha ainda uma dúvida: Será que eu a tenho interpretado corretamente? Não seriam igualmente dignas de consideração as opiniões dos outros? Por que não sermos razoáveis em submetê-las também a um teste imparcial?

Ao referir a minha convicção a um amigo, este me respondeu: “O senhor tem razão, mas eu também tenho, embora seja diferente a minha maneira de encarar o assunto. Parece-me que aquilo em que o homem crê não tem importância, desde que ele seja sincero na sua crença”.

Aí está uma opinião. Vamos pô-la à prova: Num belo domingo de manhã, um vizinho meu disse à esposa e família: “Vamos sair de carro

para um piquenique”. Durante o trajeto tiveram de atravessar uma passagem de nível na estrada de ferro. Credo sinceramente que naquela hora nenhum trem deveria passar por ali, o meu amigo tentou cruzar a linha. O resultado foi que a máquina apanhou o seu carro e ele foi morto imediatamente; um dos filhos teve o braço fraturado e uma filhinha ficou engessada durante muitos meses. Acaso ele se livrou do acidente por acreditar sinceramente que a passagem estava livre? Claro que não!

Conheço uma enfermeira que, em serviço à noite, ministrou certo medicamento a um paciente, credo sinceramente ser aquele o remédio indicado; porém, estava enganada e, vinte minutos depois, o doente faleceu, apesar dos desesperados esforços empregados para salvá-lo.

É claro que precisamos de sinceridade, mas devemos crer sinceramente na verdade e não no erro. De fato, uma crença sincera no erro pode ser até o meio de nos enganar e finalmente nos destruir.

A Bíblia não deixa margem para dúvida. Em João 14.6, Cristo diz: **“Eu sou o Caminho, e a Verdade, e a Vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim”**. Em Atos 4.12, lemos: **“Abaixo do céu não existe nenhum outro nome [a não ser Jesus], pelo qual importa que sejamos salvos”**.

Se você conseguisse entrar no Céu por qualquer outro caminho, havia de ser uma testemunha por toda a eternidade do fato que Jesus Cristo mentia ao dizer que não havia outro caminho. Mas, uma vez que Ele apresenta todas as evidências de ser o Filho de Deus, não seria loucura tentar ir a Deus por qualquer outro caminho, senão por intermédio do próprio Jesus Cristo que Se apresenta como o caminho indicado pelo Pai?

## O CAMINHO DA CRUZ

A verdadeira razão de procurarmos outro caminho é porque o Caminho da Cruz requer humilhação e nós somos orgulhosos por natureza. Mas lembremo-nos que o Caminho da Cruz foi um caminho de humilhação para Cristo também, conforme lemos em Filipenses 2.5-8: **“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até a morte, e morte de cruz”**.

Alguns têm sugerido que a única coisa que uma pessoa tem a fazer é promover uma reforma de vida e proceder melhor no futuro,

procurando reabilitar-se das faltas do passado. Julgam que isto pode tornar alguém idôneo para entrar no Céu. Será que esse processo daria resultado?

Vamos supor que o diretor de uma empresa consulte o seu contador e, verificando que a sua Companhia deve aos fornecedores a importância de R\$ 150.000,00 transmita-lhe a seguinte ordem: “Escreva a todos os nossos credores e diga-lhes que não vamos mais nos preocupar com o passado. Vamos reiniciar a nossa escrituração, mas prometemos pagar pontualmente as contas resultantes de todas as nossas transações no futuro, procurando manter de agora em diante o mais alto padrão de integridade comercial”.

Certamente o contador diria que o seu patrão tinha enlouquecido e se recusaria a fazer tal proposta aos credores. No entanto, milhares de pessoas, que em tudo mais parecem sensatas, estão tentando chegar ao Céu fazendo a Deus a mesma proposta que aquele empresário queria fazer aos seus credores. Estão se propondo a cumprir todas as suas obrigações para com Deus daqui para o futuro, mas não querem de modo nenhum se preocupar com o passado. Porém, como lemos em Eclesiastes 3.15, **“Deus pede conta do que passou”**. Ainda que, em qualquer hipótese, pudéssemos iniciar uma vida nova e absolutamente perfeita (o que não nós é possível e, se o fosse, nada mais estaríamos fazendo do que a nossa obrigação) continuaríamos ainda pecadores.

A justiça de Deus exige que nenhuma conta atrasada seja considerada como paga até que seja liquidado o último centavo. O homicida pode encobrir o seu crime e passar a viver como um cidadão exemplar durante dez anos, mas assim que o seu delito é descoberto a lei dos homens o condena; embora ele não tenha cometido nenhum outro crime durante dez longos anos, a lei ainda o considera um homicida. Mesmo que consigamos esconder os pecados do passado, sejam por *pensamentos*, *palavras* ou *atos*, mediante uma vida que pareça absolutamente perfeita, continuamos pecadores aos olhos dAquele para Quem o passado e o futuro são tão claros quanto o presente. De acordo com os padrões de santidade de Deus, todos temos pecado, por isso, NÓS devemos reconhecer francamente esse pecado e trazê-lo perante Deus para que seja tratado com justiça.

Cada um de nós precisa de alguém que possa liquidar a nossa conta. A Bíblia diz que Jesus Cristo é o Único que pode pagar essa conta: **“Fomos reconciliados pela morte do Seu Filho”** (Romanos 5.10). Sim, o Senhor Jesus Cristo deu a Sua vida em lugar da nossa, a fim de que pudéssemos ficar livres.

O nosso débito pelos pecados do passado está pago e Deus, contra Quem temos pecado, deu-nos o recibo, demonstrando estar satisfeito com a obra consumada por Cristo na Cruz. A prova disso é que Ele O

ressuscitou dentre os mortos. Cristo, que uma vez foi crucificado, é agora o nosso Salvador vivo. Ele morreu para salvar-nos da penalidade do pecado e vive agora para libertar-nos do poder do pecado.

## **ERA NECESSÁRIO QUE CRISTO MORRESSE?**

Não poderia Ele salvar-nos sem morrer? O homem transgrediu a Lei de Deus e, como resultado disso, ficou sujeito à pena de morte. Como seria possível Cristo livrar-nos com justiça sem assumir totalmente a responsabilidade pela nossa pena? Será que você não percebe que se Ele tivesse pago ainda que um pouco menos do que o preço total estaríamos ainda sujeitos a julgamento e teríamos algo a pagar? É evidente, porém, que por morrer Ele pagou o preço integral e a Lei, que temos violado, não pode mais nos condenar. É por isso que a Bíblia diz: **“Agora, pois, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”** (Romanos 8.1).

Certa ocasião um caso em julgamento no Tribunal teve que ser adiado para o dia seguinte e, como é de praxe em tais ocasiões, os jurados ficaram detidos durante a noite, a fim de não ficarem sujeitos a qualquer influência exterior. Ao adentrar ao Tribunal pela manhã, o juiz dirigiu-se aos jurados, dizendo: “Senhores, a questão está encerrada; o réu foi chamado a responder perante um Tribunal mais alto”. É que o acusado tinha falecido em sua cela durante a noite e não havia necessidade de prosseguir o julgamento, uma vez que a lei não pode condenar a um morto.

Nos países onde vigora a pena de morte, um homem que mata uma pessoa é condenado àquela pena; porém, se ele matar seis pessoas e não uma, será de igual modo condenado à morte, precisamente por ser aquela a *penalidade máxima* imposta pela lei. Por muitos que sejam os crimes de um homem, a lei não pode aplicar-lhe pena mais rigorosa do que tirar-lhe a vida.

Portanto, ainda que haja em minha vida pecados que há muito tempo já esqueci, nada tenho a temer, pois tenho plena confiança que o Senhor Jesus Cristo, meu Substituto, sofreu a penalidade máxima da lei em meu lugar, libertando-me assim de todas as demandas da mesma contra mim, sejam elas grandes ou pequenas.

Tomando por base a grandeza do sacrifício de Jesus Cristo, muitas pessoas têm insinuado que “se Cristo morreu por todos, devemos estar todos salvos”, mas isso não é verdade. Deus disse que há salvação para todos, mas não disse que todos estão salvos.

Vamos ilustrar esta verdade: Suponhamos que numa grande cidade, numa época de inverno muito rigoroso, haja um grande número de pessoas sofrendo tremenda miséria devido a uma grande onda de desemprego. As autoridades municipais, sentindo a gravidade da situação, decidem providenciar alimentação gratuita a todos os necessitados.

Você encontra-se na rua com um homem pobre que lhe diz estar morrendo de fome e, naturalmente, pergunta-lhe: “Você acredita nos cartazes que se encontram por toda a cidade, anunciando que há comida suficiente para todos e oferecida gratuitamente?”

“Sim”, responde ele, “eu creio de certo modo, mas ainda estou com fome”.

Você lhe dirá que, a despeito de haver comida à sua disposição, ele continuará faminto a não ser que vá ao local anunciado e participe ele próprio das refeições providenciadas para todos.

De igual modo, embora a morte de Cristo seja suficiente para salvar a todo aquele que quiser, somente são salvos aqueles que O aceitam pessoalmente e creem que Ele morreu no lugar deles.

Eu tenho de aceitar a Cristo como MEU Salvador pois, de outro modo, de nada me valerá a Sua morte, da mesma forma como de nada valerá a quem tem sede o ato de postar-se junto a uma fonte, mas recusar-se a beber. Se ele não se apropriar da corrente vivificadora que está diante de si, morrerá de sede.

## **ALGUMAS OBJEÇÕES**

***Como é possível que a vida do Senhor Jesus Cristo, sendo uma só, seja considerada suficiente para substituir as vidas de tantas pessoas, de modo que Deus ofereça a salvação a todos quantos depositem a sua fé em Cristo?***

Aí está uma objeção que parece razoável – um problema que pode ser resolvido com lápis e papel como se resolve um problema de aritmética. Cristo era Deus manifesto em carne – a Divindade na humanidade – e, assim sendo, Sua vida era infinita e, portanto, capaz de satisfazer as necessidades de qualquer número de vidas finitas.

Apanhe uma folha de papel, relacione os maiores números que você possa imaginar e some-os. O resultado será, evidentemente, um número muito grande. Multiplique-o por dez, por cem, por um milhão, se quiser. Faça o mesmo em diversas folhas e adicione o resto de todas e ainda encontrará um resultado finito, pois um número, por maior que seja, é sempre sujeito a um princípio e a um fim.

Entretanto, jamais seria possível alcançar o infinito mediante a adição daquilo que é finito. *A vida de Cristo, porém, é infinita e, portanto, mais do que suficiente para salvar a todos quantos O aceitem como o Salvador que por eles morreu.*

***Mas como poderia Cristo morrer pelos meus pecados, se estes não foram cometidos senão mais de 1900 anos depois que Ele morreu?***

À primeira vista isto aparece como um problema para uma pessoa que se ponha a meditar, porém, quanto mais inteligente você for, mais prontamente encontrará a solução.

Deus é onisciente (isto é, Ele sabe todas as coisas) e também é eterno. Lemos em Êxodo 3.14 que Deus Se dá a conhecer pelo nome de **“EU SOU”** (o verbo no tempo presente) e Cristo diz em João 8.58: **“Antes que Abraão existisse, EU SOU”** (tempo presente). Em outras palavras, para Alguém, que sabe todas as coisas e é eterno, não há passado nem futuro, mas um eterno presente. Fatos que estão por acontecer daqui a dois mil anos, para Deus são tão evidentes como os que aconteceram há dois mil anos atrás e ambos devem ser tão evidentes quanto os fatos que estão acontecendo neste momento.

***Por que, então, Deus não fez o homem incapaz de desobedecer à Sua vontade e, portanto, incapaz de pecar?***

É o mesmo que se perguntar: Por que Deus não traça uma linha “curva e reta”, ou um “círculo quadrado”, ou não faz um objeto inteiramente preto e inteiramente branco ao mesmo tempo?

Se eu tivesse capacidade para a prática do hipnotismo, poderia colocar meus filhos num estado de hipnose, privando-os assim dos exercícios de sua capacidade de raciocinar e escolher livremente, e então dizer-lhes: “Levantem-se e venham comer”, “Beijem-me e vão para a cama”. Braços insensíveis rodeariam meu pescoço, enquanto lábios indiferentes pousariam nos meus. Eu teria obediência imediata e perfeita a toda e qualquer ordem, mas encontraria eu alguma satisfação numa tal obediência? Nenhuma, certamente!

Quero filhos com livre arbítrio, que sejam capazes de me desobedecer, mas que escolham voluntariamente seguir as minhas instruções, que são o resultado de meu amor por eles e são transmitidas para o bem deles próprios.

Não posso conceber a ideia de que Deus, que implantou estes desejos no meu e no seu coração, possa sentir-se satisfeito com algo menos no que diz respeito às nossas relações com Ele.

Deus não quer títeres que saltem daqui para acolá, conforme a direção em que é puxada a corda, nem ainda autômatos em forma de



“homens” que, mecânica e absolutamente, obedeçam a Sua vontade, à semelhança dos planetas que giram velozmente através do espaço.

Deus não pode encontrar satisfação em nada que esteja aquém de um amor espontâneo dos nossos corações, amor que nos leve a decidir de livre vontade a andar nos Seus caminhos, procurando agradar-Lhe e honrá-LO. É óbvio, porém, que este mesmo poder de livre ação nos torna capazes de O desagradarmos e desonrarmos se assim o quisermos.

O homem é, de fato, uma criatura magnífica muito acima da criação animal que o cerca. Não há nenhum “elo perdido”, o que há é um grande abismo entre o mais elevado dos animais irracionais e o homem, pois a este homem Deus tem concedido um espantoso poder de dizer-Lhe um efetivo NÃO, assim como um efetivo SIM.

Em favor de seus próprios interesses, permita-me perguntar-lhe: O que você está dizendo a Deus mesmo agora, enquanto lê este livro?

***Por que Deus havia de se importar com este nosso mundo tão pequeno em comparação com a imensidade do Universo?***

Pense em nosso próprio Sistema Solar, onde encontramos Netuno, trinta vezes mais distante do Sol do que nosso planeta, de modo que são necessários 164 dos nossos anos para formar um ano de Netuno; pense ainda em outros sóis com planetas girando em torno deles, assim como o nosso Sistema Solar gira em torno do Sol!

Considerando-se tudo isto, que importância pode ter para Deus esta terra onde habitamos? E o homem, ainda mais insignificante, que importância pode ter? Essa foi a conclusão a que chegou um certo astrônomo, tendo perdido a fé que professava em sua mocidade. Isto foi o que lhe fez o telescópio: revelando-lhe a vastidão dos céus, roubou-lhe a fé no Deus de sua mãe, pois, disse ele, “como iria Deus importar-Se com o homem que, em comparação com a grandeza do Universo, é menos que um grão de areia?”

Mas a sua sede pelo conhecimento não o deixaria descansar. O espaço cósmico só lhe permitia estudar à noite. Como passaria ele as horas livres do dia? Por que não estudar no microscópio?

Tomou efetivamente o microscópio e eis que novos mundos se lhe descortinaram – tão maravilhosos quanto aqueles que ele conhecia através do telescópio. Foi assim que, pouco a pouco, recuperou a sua fé.

Sim, o Deus que podia Se interessar em minúcias tais como as que o microscópio nos revela numa simples gota d’água, certamente havia de Se interessar também no homem que é a mais alta expressão de Sua criação. Assim, ao invés de inclinação, o astrônomo encontrou equilíbrio e este levou-o de volta para Deus, convencido da verdade de João 3.16.

***Mas seria lógica a fé?***

Sim, a fé é lógica. É um erro pensar que a fé é oposta à razão. Fé e razão caminham de mãos dadas, mas a fé prossegue quando a razão não mais pode prosseguir. A razão, em grande parte, depende da fé, pois é impossível raciocinar sem conhecimento e este baseia-se geralmente na fé no testemunho humano. Por exemplo: Eu creio que a estricnina pode envenenar uma pessoa se for ministrada em dose suficientemente forte, embora nunca tenha presenciado uma experiência de tal natureza. E tal é a minha fé no testemunho escrito pelos homens entendidos nesse assunto que eu não seria capaz de ingerir uma dose forte de estricnina por nada deste mundo.

Se você examinar cuidadosamente a questão, descobrirá que noventa por cento do que você sabe não foi averiguado pessoalmente por você, mas chegou ao seu conhecimento através do testemunho escrito ou oral de outras pessoas.

É, portanto, matéria de fé no testemunho alheio. Ora, se você pode aceitar sem dificuldade o testemunho humano a respeito de outros assuntos, por que não aceitar o testemunho de milhares de cristãos a respeito da Palavra de Deus (a Bíblia), cuja veracidade eles afirmam ter verificado e comprovado pessoalmente?

### ***Mas por que razão haveria Deus de julgar dignos de morte os meus pecados?***

O que eu poderia sugerir é que Deus, sendo infinitamente santo, não pode admitir um só pecado em Sua presença.

Deixe-me exemplificar: Entre os selvagens, o chefe de uma tribo pode espancar a esposa até a morte, pela mais insignificante falta, sem perder a mínima parcela de estima e respeito por parte do seu povo. Para eles isto é considerado um fato de somenos importância, ao passo que, em países civilizados, a prática desse mesmo ato é reconhecida como crime passível da mais severa punição.

O ato é o mesmo em ambos os países, mas no primeiro caso nem se cogita de julgamento, enquanto que, no segundo, a retribuição é imediata. Onde está a diferença? Simplesmente no grau de compreensão dos dois povos, em razão da ignorância de um da civilização do outro, que é por isso mais esclarecido.

Por aí você pode verificar a diferença entre os conceitos humanos sobre a gravidade duma falta: o mesmo ato que nem sequer seria considerado faltoso num país sem civilização, levaria um homem à prisão ou até à morte em qualquer país civilizado. Lembrando-se então de que os homens são sempre finitos e imperfeitos, por mais alto que seja o seu grau de civilização e moralidade, imagine como hão de aparecer os nossos pecados aos olhos de um Deus infinitamente santo, mesmo aqueles que consideramos de nenhuma importância. Nenhum

pecado é insignificante aos olhos dEle, pois **“Deus é luz, e não há nele treva nenhuma”** (1ª João 1.5).

***Podéria ser justo, mas seria misericordioso o ato de Deus recusando-se a conceder entrada no céu a todos nós, mesmo que não aceitemos a Cristo como nosso Salvador?***

Sim, senhor! É justo e, ao mesmo tempo, misericordioso. Você acha que seria um ato de bondade transportar um pobre e andrajoso mendigo de seu esconderijo escuro e sujo para o brilho esplendoroso de um rico salão social? Acaso o esplendor daquele ambiente não poria em relevo a sua sujeira e os seus andrajos, tornando-o mais cômico de sua miséria? Não faria ele todo o possível para fugir dali, voltando para a escuridão do seu esconderijo? Certamente, pois ali ele havia de sentir-se muito mais feliz.

Agora, diga-me: Será um ato de bondade da parte de Deus, permitir que um homem compareça perante a santa luz do Céu, depois de este rejeitar o único meio eficaz de purificação por Ele oferecido? Se tanto eu quanto você nos sentiríamos muito mal caso os nossos amigos pudessem penetrar em nossas mentes e ler os nossos pensamentos – e o padrão de perfeição de nossos amigos talvez não seja muito mais elevado do que o nosso – como nos sentiríamos na presença de Deus, cuja santidade absoluta poria em relevo o nosso pecado em toda a sua horrenda negritão?

A Bíblia nos revela em Apocalipse 6.16 como se sentirão aqueles que se recusam a aceitar o Senhor Jesus Cristo como seu Salvador e persistem em passar para a eternidade levando os seus pecados: **“E disseram aos montes: Caí sobre nós, e escondei-nos da face dAquele que se assenta no trono.”** Os que hoje rejeitam a Cristo não de querer fugir da Sua presença naquele grande dia. Contudo, é a presença deste mesmo Cristo que constituirá o Céu para aqueles que aqui O aceitaram como Salvador e Senhor.

Veja, então, como é absurda esta ideia de Deus receber-nos a todos no Céu. O Céu não é somente um lugar, mas também uma condição, um estado de alma. A presença do Senhor Jesus Cristo, que se constituirá em Céu para aqueles que por Ele são purificados dos seus pecados, seria como um inferno de remorso para o coração de qualquer pessoa que comparecesse ainda em seus pecados perante a luz infinita da Sua santidade.

Sejamos coerentes: Você poderia sentir-se realmente feliz na presença dAquele que tanto amor demonstrou por você a ponto de sacrificar a própria vida em seu lugar, mas cujo amor você desprezou e cujo sacrifício não considerou digno de sua aceitação?

# SALVAÇÃO POR SUBSTITUIÇÃO

A salvação por substituição é a execução do inocente em lugar do culpado.

Já temos demonstrado com argumentos irrespondíveis que Deus existe e que tem revelado na Bíblia os Seus santos direitos sobre os homens e mulheres deste mundo.

Já temos verificado que **“todos pecaram e carecem da glória de Deus”** (Romanos 3.23). Já temos nos ocupado com a Pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus, que veio a esta terra a fim de morrer pelo pecado do homem.

Também temos considerado as muitas objeções apresentadas por pessoas que mantêm outros pontos de vista sobre o plano de Deus para a salvação. Vamos agora considerar a sabedoria e a maravilha do plano de Deus para a salvação da humanidade pecaminosa, em resumo, A SALVAÇÃO POR SUBSTITUIÇÃO.

O amor de Deus teria perdoado os pecados, mas a Sua justiça opôs-se ao perdão. Em contrapartida, a justiça de Deus teria julgado o pecador, mas o Seu amor deteve o julgamento.

Justiça e amor são atributos inerentes ao caráter de Deus; como reconciliá-los no caso presente? É um problema que jamais poderia ser resolvido por qualquer filósofo humano, mas para o qual a sabedoria e misericórdia divinas, alcançando a sua expressão suprema, apresentam a solução: o sofrimento vicário e a morte do Filho de Deus.

“Mas”, pode alguém objetar, “não falharia o cristianismo a partir do seu ponto básico, por fundamentar-se totalmente na substituição? A substituição não poderá resistir a um exame cuidadoso. Ela admite que Cristo, o Inocente, seja punido, enquanto o criminoso é deixado livre. Este princípio é diametralmente oposto a toda a nossa ideia de justiça, pois cremos que esta deve proteger ao inocente e punir com todo rigor ao culpado”.

Veja, porém, como a perfeita justiça e a perfeita misericórdia de Deus se revelam na cruz! Não pense que Ele toma o inocente e obriga-o a sofrer a pena do culpado.

Ali Ele age como agiu um certo juiz na seguinte ilustração. Conta-se que dois jovens estudaram Direito juntos e um deles progrediu em sua carreira até alcançar assento como juiz no Tribunal.

O outro, porém, enveredou pelo caminho da embriaguez, arruinando completamente a sua vida.

Certo dia, este infeliz foi trazido perante o seu antigo colega, acusado de ter cometido uma grave infração. Os advogados presentes, sabedores da amizade outrora existente entre o juiz e o agora réu,

aguardaram com ansiedade a decisão, curiosos por saber como se sairia o Magistrado em circunstâncias tão incômodas. Que espécie de justiça iria ele aplicar?

Para grande surpresa de todos eles, o juiz sentenciou o seu companheiro de outrora à pena máxima permitida pela lei e, a seguir, pagou ele mesmo a pesada multa e colocou o seu amigo em liberdade.

Deus, contra Quem temos pecado, sentou-Se sobre o Seu trono de julgamento e, *em justiça*, infligiu a máxima penalidade possível: a morte do pecador. Depois, *em misericórdia*, desceu do Seu trono e, na Pessoa de Seu Filho, tomou o lugar do pecador, cumprindo Ele mesmo toda a pena. Lemos em 2ª Coríntios 5.19 que **“Deus estava EM CRISTO – não MEDIANTE Cristo, mas EM Cristo – reconciliando consigo o mundo”**.

Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo são um só Deus. O mesmo Deus contra o Qual temos pecado, lavrou a sentença, pagou a pena e agora nos oferece pleno e gratuito perdão, com base na mais perfeita justiça.

Eis por que o apóstolo Paulo declara em sua carta aos Romanos 1.16, 17: **“Não me envergonho do Evangelho, pois é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê... visto que A JUSTIÇA DE DEUS SE REVELA NO EVANGELHO”**.

Eu também posso dizer que não me envergonho do Evangelho, pois não há quem possa alegar honestamente ter encontrado o mínimo defeito no justo perdão oferecido por Deus ao homem. E esta é a justiça que pode ser sua neste preciso momento, desde que você se disponha a aceitá-la.

Mas será possível que aceitar a Cristo como meu Salvador seja TUDO quanto eu necessito para ser salvo por toda a eternidade? Sim, não há mais nada a fazer.

Admito que a própria simplicidade deste plano parece dificultar a sua compreensão mas, com um pouco de reflexão, a dificuldade pode desaparecer.

## **ALGUMAS ILUSTRAÇÕES**

Se eu tivesse uma dívida de R\$ 100.000,00 e não tivesse com que pagar e algum dos meus amigos liquidasse o meu débito e me entregasse o recibo, eu não teria mais motivo para me afligir. A dívida estaria paga e eu poderia encarar sem receio ao meu credor. Ele nada mais teria a reclamar, pois estaria em meu poder o recibo de quitação assinado por ele.

Ao dar a Sua vida em meu lugar, Jesus Cristo exclamou: **“Está consumado”**, querendo com isto dizer que a obra da expiação estava

completa. Deus deu-me o recibo como prova de Sua satisfação pela obra consumada de Cristo e disto deu-me certeza pelo fato de ressuscitá-lo dentre os mortos ao terceiro dia.

“Não posso entender isto”. Disse um certo marceneiro a um seu amigo quando este tentava explicar-lhe esta verdade. Finalmente, uma idéia ocorreu ao amigo: tomou uma plaina e fez menção de passá-la sobre uma linda mesa finamente polida que se achava ali por perto. “Pare com isto”, gritou-lhe o marceneiro, “não está vendo que essa mesa já está pronta? Passando-lhe a plaina você a deixará completamente estragada”.

“É isso mesmo”, replicou-lhe o amigo. “É exatamente isso o que estou tentando demonstrar-lhe sobre a obra da redenção efetuada por Cristo. Quando Ele deu a vida na cruz em seu lugar, aquela obra foi acabada; nada ficou para ser feito. Se você tentasse fazer qualquer acréscimo à obra consumada de Cristo, só poderia estragá-la. Aceite-a tal como está: a vida dEle em lugar da sua e você estará salvo”.

Imediatamente o marceneiro percebeu a verdade e recebeu o Senhor Jesus Cristo em sua vida como Salvador.

Mas ainda há uma grande dificuldade: conheço um homem nobre, fiel, generoso e humano, que não aceitou a Cristo como Salvador. Quer você me dizer que na eternidade um homem tão bom se perderá, enquanto um outro que tenha recebido a Jesus Cristo como seu Salvador pessoal terá vida eterna, embora esteja longe de possuir tão excelentes virtudes?

Sim. Durante anos isto representava uma grave dificuldade para mim, até que cheguei a conhecer alguma coisa sobre a Biogênese, quando então minhas dificuldades desapareceram.

Biogênese é o princípio biológico segundo o qual os organismos vivos só podem ser gerados por organismos vivos pré-existentes. Isto significa que não pode haver geração espontânea. A matéria morta não pode adquirir vida por si mesma.

Cristo não proferiu uma declaração arbitrária, mas estava simplesmente dando expressão a um fato científico, quando disse: **“O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de Eu te dizer: Importa-vos nascer de novo”** (João 3.6-7). João faz a mesma declaração em sua primeira epístola 5.12, onde lemos: **“Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida”**.

O maior erro que se comete em nossos dias é tentar escapar à lei da Biogênese. A diferença entre um homem moral (por mais elevado que seja o seu grau de moralidade) e um cristão, não é de grau e sim, de espécie.

O primeiro possui uma vida humana altamente aperfeiçoada, enquanto o outro possui vida espiritual. A diferença é tão radical que uma não pode proceder da outra, tanto assim que Cristo disse até mesmo a um homem tão reto como era Nicodemos: **“Importa-vos nascer de novo”** (João 3.7). “Não lhe basta um simples desenvolvimento de sua velha vida; o que você precisa, Nicodemos, é vida nova, vida divina, que só lhe será possível se você crer em Mim e Me receber”, queria dizer Jesus.

## **E AGORA, UMA PERGUNTA IMPORTANTE**

***Mas de que maneira posso eu receber o Senhor Jesus Cristo como meu Salvador?***

Por admitir que, conforme Efésios 2.1, eu estou **“morto em delitos e pecados”** no que diz respeito às minhas relações com Deus, por crer que Jesus Cristo deu a Sua vida em lugar da minha e pela recepção dEle como meu Salvador posso ter a vida eterna.

Será que a percepção destes fatos numa forma mecânica e fria poderá dar-me a vida eterna?

Não, com toda certeza!

Suponhamos que um homem muito rico, tendo perdido toda a sua fortuna, prefere dar a sua filha em casamento a um homem rico a quem ele sabe que ela detesta, só para não perder a sua posição social. A princípio ela se recusa terminantemente, mas o pai procura convencê-la da conveniência do casamento, visto ser este a única esperança de salvação da ruína total, e ela acaba concordando.

A cerimônia nupcial é realizada e, de conformidade com a lei do país, ela torna-se a legítima esposa daquele homem. Mas será que ela pertence realmente a ele? É claro que não! Apesar de legalmente unida a ele, o seu coração não lhe pertence.

Está entendendo agora? Quando um homem e uma mulher que se unem em matrimônio são realmente *um*, eles se amam de tal maneira que o mais recôndito de seus corações é franqueado um ao outro de maneira tão real, e em tal profundidade, que nem podem encontrar palavras capazes de expressar tudo quanto sentem.

Todos nós temos um lugar íntimo, no âmago do nosso ser, que provavelmente ninguém, além de nós, pode entender.

Pois Jesus Cristo, o Filho de Deus, pelo Seu grande amor por nós, reivindica o Seu direito de entrar naquele lugar. Aliás, aquele é o único lugar que Ele quer em nossas vidas e Ele não Se satisfará com menos.

O amor que Ele nos revelou outorga-Lhe o direito àquele lugar. Poderia eu barrar-Lhe a entrada?

Quando me lembro de que o amor de Cristo por mim foi tão grande que O levou a deixar a glória de Seu Pai e descer à terra, tornando-Se homem, para que Ele pudesse sofrer e morrer na cruz em meu lugar, a fim de me dar a vida eterna, meu coração se enche de ternura para com Ele.

Nem podia ser de outra forma. Se eu me encontrasse enfermo, impossibilitado de me mover, o edifício onde eu me achasse fosse incendiado e um amigo se arriscasse enfrentando as chamas para me salvar e, envolvendo-me em cobertores para que eu não sofresse nenhum dano, recebesse ele mesmo graves queimaduras que lhe deixassem profundas cicatrizes no rosto e nos braços, acaso o meu coração não se encheria de gratidão e amor por esse amigo? Deus sabe que sim.

## **VEJO-ME FACE A FACE COM O MEU SALVADOR**

Vejo-O sofrendo no Jardim de Getsêmani em antecipação a Sua morte sobre a cruz por mim.

Vejo-O perante Pilatos no pretório; já Lhe haviam batido na face, dizendo: **“Profetiza-nos, quem é que Te bateu?”** Agora os soldados colocam-Lhe uma coroa de espinhos sobre a cabeça.

Ensangüentado e ferido, levam-nO do Tribunal para o Calvário onde, com grossos cravos transpassam-Lhe as mãos e os pés, encravando-O no madeiro.

Ao ser levantado para morrer entre dois malfeitores, a multidão se reúne ao redor da cruz a fim de O injuriar e dEle escarnecer, não obstante esteja Ele derramando a Sua vida em sacrifício pela redenção deles.

OuçO-O, porém, clamar: **“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”** e então é que começo a compreender na realidade o que quer dizer amor que se entrega ao próprio sacrifício em favor de outrem.

Porém, ainda que pudéssemos penetrar com simpatia nos sofrimentos físicos de Cristo, se não fôssemos além disso, teríamos falhado vergonhosamente em compreender o verdadeiro significado da Cruz.

Lemos em 2ª Coríntios 5.21 que **“Aquele que não conheceu pecado [Cristo], Ele [Deus] O fez pecado por nós”**. Rogo-lhe que venha comigo, reverentemente e com coração humilde, e penetremos, se nos for possível, nos sofrimentos da alma de Cristo, o Filho, de Deus, o Pai,



enquanto aquele Santo é **“feito pecado por nós”**, Ele, que sentia repugnância pelo pecado, assim como nós sentimos repugnância pela lepra.

Se é verdade que, quanto maior for o desenvolvimento do organismo físico, tanto maior a sua capacidade para a dor, conclui-se que, quanto maior for o desenvolvimento do caráter moral, tanto maior a sua capacidade para o sofrimento da alma.

Certamente, você já tem ouvido casos semelhantes ao daquele venerando ancião, justamente orgulhoso do seu nome honrado, homem de bem, que antes desejaria perder a sua mão direita do que usá-la para praticar qualquer ação indigna.

Seu filho e herdeiro desvia-se da vereda da virtude enveredando pelo caminho do vício e certo dia, participando de um motim de ébrios, acaba assassinando um dos companheiros. O velho pai não pode mais andar de cabeça erguida, tal é a sua vergonha e, em pouco tempo, o sofrimento de sua alma o faz descer cheio de pesar com seus cabelos encanecidos à sepultura.

Se isto é possível (e mesmo nós podemos sentir vergonha ao cometer um pecado maior do que aqueles que consideramos comuns), imagine o que pode parecer O PECADO em todo o seu horror aos olhos de um Deus absolutamente santo!

Agora podemos entender porque, no Jardim do Getsêmani, era tão grande a repugnância de Cristo pelo pecado que Ele Se volta para o Pai e exclama em agonia de alma: **“Meu Pai: Se é possível, passe de Mim este cálice! Todavia, não seja como Eu quero, e, sim, como Tu queres”** (Mateus 26.39). Contudo, a despeito daquele angustioso clamor, **“Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho Unigênito”**, para ser **“feito pecado por nós”**, **“para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”** (João 3.16, 2ª Coríntios 5.21).

Entende agora por que eu disse que se eu quiser manter qualquer ideal de dignidade humana ou nobreza de caráter, não posso me atrever a rejeitar Aquele que tanto sofreu por mim?

Meu intelecto examinou cuidadosamente todos os ângulos do assunto, minhas emoções foram profundamente despertadas e ambos apelam agora à minha vontade, exigindo um decisão.

Para ser leal ao meu Deus, a mim mesmo e ao meu futuro eterno, só há um caminho a seguir e a esse é que eu sigo. Hoje, Jesus Cristo é o meu Senhor e Salvador pessoal.

Por causa do Seu amor por mim, por causa da maneira como Ele me tem abençoado e também pela certeza que tenho de um porvir glorioso, o desejo do meu coração é que você possa participar comigo nas bênçãos que desfruto. *Digo com reverência: Cristo fez tudo; nada*

*mais há que Ele possa fazer.* Ele recebeu o castigo do seu pecado, ressurgiu pelo poder de Deus e agora apresenta-*Se* a você. Quer aceitá-*LO* como seu Senhor e Salvador?

Talvez você esteja dizendo: “Parece tão misterioso! O mistério de tudo isto me desorienta!”

Não lhe peço que compreenda o mistério da redenção. Eu mesmo não posso entendê-lo, nem qualquer cristão poderá entender enquanto estiver aqui neste mundo. O que lhe peço é que se regozije no fato da redenção.

A eletricidade continua sendo um mistério pois, embora já tenhamos descoberto muitas das leis que a governam, não podemos dizer o que ela realmente é. Contudo, nunca nos preocupamos com o mistério da eletricidade enquanto estamos usufruindo os seus benefícios.

Estou certo de que você conhece homens e mulheres que aceitaram Jesus Cristo como Salvador e foram de tal modo transformados que se tornaram realmente novas criaturas em Cristo.

Por que você não permite que estes fatos que são do seu conhecimento exerçam a sua influência sobre você? Sim, a aceitação de Jesus Cristo é tão simples quanto o ato de acionar o interruptor para acender a luz elétrica.

Venha ao Senhor e diga-Lhe: “Ó Deus, não sou capaz de compreender todo esse mistério; não posso entender porque me amaste tanto que Te dispuseste até a enviar o Teu Filho para receber a punição por causa dos meus pecados mas, em compensação, estou disposto a crer que me amaste e quero render-me incondicionalmente a Ti. Eu confio no valor da morte de Cristo por mim e na promessa que fizeste em João 3.16, afirmando que **“todo o que nEle crê não perece, mas tem a vida eterna”**”.

Da mesma forma como você deixa o mistério da eletricidade por conta dos engenheiros e preocupa-se apenas em usufruir os benefícios que ela lhe proporciona, deixe por conta de Deus o mistério da salvação e aproprie-se dos infinitos benefícios que a posse de um Salvador pessoal como Jesus Cristo lhe proporciona.

Entregue-se a Ele agora. Ele deseja entrar em sua vida. Diga-Lhe sinceramente: “*Senhor Jesus, EU SOU TEU; rendo-me integralmente a Ti, de corpo, de alma e espírito, e TU ÉS MEU*”.

A seguir, confirme essa decisão, mediante a assinatura da declaração a seguir.

## **MINHA DECISÃO**

Perante Deus, que conhece os mais profundos segredos de minha alma, ACEITO a Jesus Cristo em minha vida como meu Salvador e Senhor. RENDO-ME incondicionalmente a Ele e pela autoridade da Sua própria palavra, estou certo de possuir a vida eterna, pois Ele diz em João 5.24: **“Em verdade, em verdade vos digo: Quem ouve a Minha Palavra e crê nAquele que Me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida”**.

Assinatura: .....

Endereço: .....  
.....  
.....

Data: .....

## **UMA PALAVRA ADICIONAL**

É provável que você ainda não tenha tomado a decisão de entregar-se ao Senhor Jesus Cristo, depositando nEle a sua fê. Então, preste atenção às seguintes considerações:

Diz alguém: “Sou dessas pessoas que com toda veemência demonstram a sua indignação quando se lhes quer forçar a fazer uma decisão final em qualquer assunto de importância. Não é que me falte força de vontade. Na verdade, é tão forte a minha vontade própria, que estou decidido a não me inclinar para nenhum lado com respeito a esse assunto. Não quero remar contra, nem a favor da maré; estou determinado a nada fazer, senão flutuar, simplesmente flutuar calmamente ao sabor da correnteza do tempo, até... Mas, tenho até ódio de pensar nisto!

Os verdadeiros crentes em Cristo aguardam a eternidade com gozo em seus corações. Eu, porém,... Oh! Por que não sou honesto comigo mesmo em admitir que, se esse assunto me aborrece, é unicamente porque eu insisto em não querer tomar uma decisão, conforme sei que deveria fazer? Se é que de qualquer forma terei que enfrentar este assunto um dia, por que, então, não decidir agora? Sim, aceito agora a Jesus Cristo, recebendo-O em minha vida como meu Salvador”.

Agora que você decidiu, leia novamente este livro. O seu conteúdo parecer-lhe-á bem mais compreensível. A seguir, leia o evangelho segundo João, de princípio ao fim.

Escreva à Editora deste livro, para conseguir um exemplar gratuitamente.

Vamos agora ao último e mais importante ponto: Abrindo a sua Bíblia na epístola aos Romanos 10.9-11, você lerá: **“Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus O ressuscitou dos mortos, será salvo. Porque com o coração se crê para a justiça e com a boca se faz confissão para a salvação. Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nEle crê não será confundido”**.

Você aceitou a Jesus Cristo como Salvador? Nesse caso, conte aos outros a sua decisão. Por que haveria você de se envergonhar de confessar a Cristo diante dos outros?

Vamos supor que um dia, andando despreocupadamente pelo cais do porto, eu caísse na água, ferindo-me na queda de modo a não poder nadar e um descarregador de carvão trabalhando ali por perto se atirasse à água e me salvasse.

Se, passado um mês, estivéssemos transitando pela rua de maior movimento na cidade e víssemos aparecer aquele homem, em trajes de trabalhador, todo sujo de carvão, que ideia faria você a meu respeito se, antes de ser visto pelo homem que me salvou a vida, eu lhe virasse as costas e disfarçasse olhando para uma vitrina, por vergonha de que me vissem saudá-lo, apertar-lhe a mão e conversar com ele?

Agora que, publicamente, você declara crer que o Senhor Jesus Cristo deu a Sua vida para salvá-lo, saiba que surgirão ocasiões quando você terá de se defrontar com Ele face a face na presença daqueles que O desprezam. Qual será a sua atitude? Vai esconder a sua fé por vergonha de confessá-LO, ou vai honrá-Lo como seu Senhor e Salvador, tanto em palavras quanto em ações?

Se, de fato, você aceitou ao Senhor, o seu dever é confessá-LO, o que, certamente, você fará.

## **ILUSTRAÇÃO FINAL: A ESCOLHA DO SOLDADO**

Procurava eu levar um jovem soldado a aceitar o Senhor Jesus Cristo, quando ele, como faz a maioria dos homens, tentou esquivar-se do assunto com a promessa: “Vou pensar nisso”.

“Henrique”, disse-lhe eu, “permita-me esclarecer-lhe o assunto através de uma ilustração”.

“Suponhamos que você saiu numa certa noite com outros companheiros para espionar um posto inimigo e, ao regressar, foi atingido por uma bala adversária, ficando gravemente ferido.

Um dos companheiros chega a tempo de tomá-lo nos braços, levando-o até as suas trincheiras, mas, para sua infelicidade, acaba

também sendo atingido nas costas por dois projéteis. Ambos são levados ao hospital e, pelo atencioso cuidado que lhes é dispensado, são salvos das garras da morte.

Passados dois meses, o médico aparece no hospital, trazendo consigo um pobre camarada que caminha com grande dificuldade, manquejando e evidenciando muitas dores ao movimentar-se. Ambos param ao lado de sua cama e o médico lhe diz: Henrique, desejo apresentar-lhe o Guilherme, o homem que arriscou a vida para salvar você.

Com indiferença, você cruza os braços e responde: Olhe, não sei se me convém travar conhecimento com ele hoje. Vou pensar nisso.

Você seria capaz de receber assim ao seu benfeitor? Certamente não, não é, Henrique? Ao contrário, você apertaria calorosamente a sua mão e tentaria da melhor forma possível manifestar a sua gratidão pelo benefício recebido.

Pois bem, eu desejo apresentar-lhe o Senhor Jesus Cristo, o Homem que, não somente arriscou a Sua vida, mas deu-a em sacrifício para salvá-lo. Será que você pretende virar-Lhe as costas e dizer-Lhe que “vai pensar nisso”?

“Não”, disse ele, “vou aceitá-lo”. Então, juntos, nos ajoelhamos enquanto ele confessava ao Senhor que O aceitava mesmo naquele momento como seu Salvador pessoal.

E você, meu caro leitor? Ainda está “pensando nisso” ou já encarou seriamente o assunto e tomou a decisão certa?

Posso ter deixado algo a desejar no que concerne à escolha das palavras com que devia me expressar na apresentação desta mensagem. Porém, quanto à verdade exposta nestas páginas, não tenho de que me descuidar. Tenho procurado escrever aquilo que, creio sem reserva, Deus queria que eu escrevesse, em cumprimento ao meu dever para com Ele e para com você.

Acompanho este livro com oração sincera e fervorosa, esperando que Deus possa usá-lo para que, através de sua leitura, você possa encontrar o seu eterno bem-estar.

Sinceramente,

**Roberto A. Laidlaw**

**.oOo.**